

Os três porquinhos e o aporte teórico da ACP: Labirintos psicológicos por detrás da fábula

Cassima Duarte*

- As fábulas infantis

As manifestações simbólicas por detrás das fábulas, histórias, contos e afins são detidamente remontadas ao longo da história humana. De há muito que as histórias são utilizadas para o alento e o entretenimento das crianças nos mais diferentes cenários, especialmente nos pedagógicos e à hora do dormir. São histórias fantásticas e, na maioria das vezes, carregam em si um emblema educacional nas vertentes moral e ética. Às crianças, não somente são ofertados enredos divertidos e coloridos, mas também ameaçadores, violentos e tendenciosos do ponto de vista de certo/errado, pode/não pode, verdade/mentira.

As fábulas, normalmente são organizadas, trazendo em seus enredos a predominância de fatos pontualmente marcados, assim, o certo está certo desde o início, o feio está posto, a verdade está dada, ao final da fábula, é armazenada a estrutura clássica do bem e do mal delimitados e prontamente descritos. A sucessão de acontecimentos que constitui a ação, em uma produção literária muitas vezes está representada por animais e objetos, ou seja, nem sempre as personagens são humanas, nas extensões conceitual e biológica da palavra, e é permeado por começo, meio, fim organizados e predispostos no formato de punição impiedosa, àqueles que representarão os malfeitores, e caução de final feliz àqueles que foram incluídos do lado do bem.

- Os três porquinhos - Origem da História

As primeiras edições do conto Os três porquinhos datam do século X sem autoria conhecida e no século XVIII com autoria dos Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram dois irmãos, ambos acadêmicos, linguistas, poetas e escritores que nasceram no então Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha. Os dois dedicaram-se ao registro de várias fábulas infantis, ganhando assim grande notoriedade, essa que, gradativamente, tomou proporções globais, porém, pode

ser que essa história que é conhecida no mundo todo seja ainda mais antiga. O primeiro livro foi publicado na Inglaterra em 1853, e o conto se popularizou com o filme de animação criado pela Disney em 1933. De acordo com essa versão, os porquinhos são chamados de Fifer Pig, Fiddler Pig e Practical Pig, que no Brasil receberam os nomes de Cícero, Heitor e Prático.

O conto foi divulgado por Joseph Jacobs (1854-1916), escritor nascido em Sydney, Austrália, morou nos Estados Unidos e Inglaterra. Estudou e publicou contos do folclore inglês durante sua permanência naquele país, sendo mais conhecido por sua grande contribuição para a literatura infantil. A história dos três porquinhos já era conhecida na Inglaterra e Jacobs, como folclorista, resgatou contos tradicionais e transformou em livros. O sucesso para Jacobs foi a utilização de uma linguagem clara e feita para a literatura infantil.

A fábula objetiva mostrar, principalmente às crianças, a importância do trabalho honesto, da bondade e da inteligência. Elas podem reconhecer dois tipos de atitude: um, focado no prazer imediato, e o outro, capaz de adiar o prazer para fazer o que é certo, que é uma capacidade que as pessoas desenvolvem com o tempo. (Coelho,1987, Contos de Andersen, Grimm e Perrault, 2005, Rodrigues, 2009, Wikipédia, 2011).

- Os três porquinhos – História

Era uma vez uma feliz família de porquinhos que tinha três filhos Prático, Heitor e Cícero. Os porquinhos foram crescendo e os pais notavam que estavam muito dependentes. Não ajudavam no trabalho de casa nem se esforçavam em nada. Então um dia, eles se reuniram e decidiram que os porquinhos, que já estavam bem crescidos, fossem morar sozinhos. Os pais deram um pouco de dinheiro a cada um, alguns bons conselhos. Os três porquinhos partiram para o bosque em busca de um bom lugar para construir, cada um, a sua casa.

O primeiro porquinho, que era o mais preguiçoso de todos, foi logo optando por construir uma casa rápida e que não necessitasse muito esforço. E construiu uma casa de palha, embora os seus irmãos lhe tenham dito que não era segura.

O segundo porquinho, que era menos preguiçoso que o primeiro, mas que tampouco gostava de trabalhar, construiu uma casa de madeira, porque pensava que era mais prática e resistente.

O terceiro porquinho, o mais sensato de todos e mais trabalhador, preferiu construir uma casa de tijolos. Demorou mais para construí-la, mas depois de três dias de intenso trabalho a casa estava prontinha.

Os três porquinhos ouviram falar que um perigoso lobo rondava pelo bosque. E não demorou muito para que aparecesse pelas suas casas, em busca de uma boa carne de porco para comer.

O lobo então foi bater na porta da casa do primeiro porquinho. O porquinho, tentando intimidá-lo disse:

– Vá embora seu lobo. Aqui você não vai entrar.

O lobo insistiu e disse:

– Abra logo esta porta ou soprarei e soprarei e a sua casa destruirei.

Vendo que o porquinho não abria a porta da casa, o lobo começou a soprar e soprar tão forte que a casa de palha voou pelos ares. O porquinho, desesperado, acabou correndo em direção à casa de madeira do seu irmão. O lobo correu atrás dele, mas não conseguiu alcançá-lo.

O lobo então foi bater na porta da casa do segundo porquinho. O porquinho, tentando intimidá-lo disse:

– Vá embora seu lobo. Na minha casa de madeira você não vai conseguir entrar.

O lobo insistiu e disse:

– Abram logo esta porta ou soprarei e soprarei e esta casa destruirei.

Vendo que os porquinhos não abriam a porta da casa, o lobo começou a soprar e soprar tão forte que a casa de madeira caiu e ficou em pedaços. Os porquinhos, desesperados, acabaram correndo em direção à casa de tijolo e cimento do outro irmão. O lobo correu atrás deles, mas não conseguiu alcançá-los.

O lobo então foi bater na porta da casa do terceiro porquinho. Os porquinhos tentando intimidá-lo cantaram:

Quem tem medo do lobo mau lobo mau, lobo mau? Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau? Ele é um cara legal!

O lobo ficava cada vez mais furioso e gritou:

– Abram a porta, já!!!

E os porquinhos responderam:

– Vá embora seu lobo. Você não conseguirá derrubar esta casa porque está feita com tijolo e cimento.

O lobo insistiu e disse:

– Abram logo esta porta ou soprarei e soprarei e esta casa destruirei.

Vendo que os porquinhos não abriam a porta da casa, o lobo começou a soprar, soprar, soprar, e a casa continuava inteira no seu lugar. O lobo ficou tão cansado que acabou sentando-se ao pé da porta para descansar. Enquanto isso, pensou e pensou em como entrar na casa e teve uma ideia. Foi buscar uma escada para subir ao telhado da casa e entrar na casa pela chaminé. Os porquinhos, vendo o que tramava o lobo, reagiram logo. Puseram a ferver um balde enorme de água, e o colocou no final da chaminé e esperaram.

Quando o lobo entrou na chaminé, caiu bem dentro do balde cheio de água fervendo.

– Uai, uai, Uaiiiii!!!!!!! Gritou o lobo, saindo correndo ao lago para aliviar as suas queimaduras e assustado, nunca mais voltou a molestar os porquinhos. (Contos de Andersen, Grimm e Perrault, 2005, Rodrigues, 2009, Prado, 2012)

- O aporte teórico da ACP - Abordagem Centrada na Pessoa

Fonseca (1985), Rogers (1978, 1983, 1997), Rogers & Kinget (1979), Gobbi (2005), Moreira (2010) lançam os fundamentos os quais Carl Ranson Rogers (1902-1987) utilizou para dar vida àquela que denominaria ACP – Abordagem Centrada na Pessoa a partir de sua experiência vivencial, espalhada em aspectos, familiares, acadêmicos, clínica, etc., não isentando as fontes filosóficas que também forneceram suporte para a formatação da teoria que se conhece hoje como ACP. A teoria foi iluminada pelo subsídio filosófico de pensadores tais como, Heráclito de Éfeso (540 a.C. - 470 a.C.), Sören Kiekergaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Edmund Husserl (1859-1938), Martin Buber (1878-1965), Kurt Goldstein (1878-1965), Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Abraham Maslow (1908-1970), Rollo May (1909-1994), Eugene Gendlin (1926-2017), dentre outros.

A ACP não registra a noção fechada de homem, ao contrário, se concentra nas maneiras de funcionamento e reais possibilidades de modificações das condutas diárias, bem como na dimensão atualizadora deste homem. Esta última noção parece ser a célula de interesse máximo desta abordagem, uma vez que Rogers (1978, 1983, 1997) pauta os avanços vivenciais da pessoa a partir da sua capacidade organísmica de autogerência, mesmo em condições internas/externas adversas. Rogers & Kinget (1979) comentam sobre

(...) a tendência à atualização é a mais fundamental do organismo em sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e limites do meio (p. 41)

Rogers (1997) alerta para a corrente fluente e convergente que se instala quando a pessoa entra em contato com o seu produto subjetivo interno e delibera os seus planejamentos a partir dele. Segundo este autor existe a possibilidade máxima desta pessoa perceber o quão único são os seus movimentos experienciais e o quanto esta descoberta pode ser precursora de facilitações internas que gerarão autoconfiança e autogerência de si e melhor compreensão do outro "... viver com valores que descobriram dentro de si e exprimi-los na sua forma pessoal e única" (p. 199). Rogers & Kinget (1977)

Todo organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Observemos que a tendência atualizante não visa somente (...) a manutenção das condições elementares de subsistência como as necessidades de ar, de alimentação, etc. Ela preside, igualmente, atividades mais complexas e mais evoluídas tais como a diferenciação crescente dos órgãos e funções; a revalorização do ser por meio de aprendizagens de ordem intelectual, social, prática (pp.159-160).

Carrenho, Tassinari e Pinto (2010) negritam que a pessoa carrega consigo um atributo inerente a si cuja serventia é dar conta das suas

conveniências vivenciais. É sugestão da ACP que o organismo é naturalmente inclinado a buscar subsídios internos para sanar suas inquietações, os objetivos que impulsionam a pessoa nesta movimentação interna são garantidores de posições homeostáticas incessantes.

- Considerações teóricas

O início da fábula é marcado por duas informações norteadoras, quais sejam, a família era feliz, mesmo dentro de uma realidade objetiva em que os filhos (3 porquinhos) não correspondiam com as expectativas dos seus pais, sobre serem independentes e colaboradores nos afazeres domésticos, assim, há uma família feliz que se desfaz em função da intolerável acidez advinda das liberdades existenciais, ou da utilização dos citados por Rogers (1977) mapas cognitivos da experiência, mapas estes, passíveis de modificações baseadas nas experiências; o que parece ser correspondente com a realidade, pois, ao ser prosseguida a fábula será verificado que a experiência dos três porquinhos ganha contornos atravessados por movimentações criativas e conectadas com a autogerência “o sentido e o valor da sua experiência é algo que depende em última análise dela e nenhum juízo exterior os pode alterar” (Rogers, 1997, p. 65).

As casas dos porquinhos foram construídas respectivamente de palha, pelo porquinho mais preguiçoso, o porquinho menos preguiçoso construiu a sua casa de madeira, Régio (1955, pp. 108-110) explica “prefiro escorregar nos becos lamacentos, redemoinhar aos ventos, como farrapos, arrastar os pés sangrentos, a ir por aí...”, e o porquinho mais sensato construiu a sua de alvenaria (esta versão da fábula não menciona os nomes dos porquinhos, porém, há versões que dispõem os porquinhos como sendo, o mais moço, o do meio e o mais velho, nesta ordem, para a construção das casas), “sou um eu que é diferente de uma parte da minha experiência” (Rogers, 1997, p. 89).

Aqui, claramente se percebe, na ordenação normativa dos acontecimentos experienciais, os avanços percorridos pelos protagonistas, pois na medida em que são surpreendidos pelas adversidades em suas construções frágeis, os dois primeiros porquinhos têm a presença vital de saírem em disparada na direção de apoio e segurança, no lugar de se manterem lastimosos

em seus pontos de fragilidade. Buscaram auxílio onde sabiam encontrá-lo, no caso aqui representado pela casa de alvenaria construída pelo irmão. Ao que Rogers (1977) vai dizer que, diante dos desafios experienciais, naturalmente os dispositivos atualizadores são iluminados e utilizados, facilitando assim, as conexões com centros internos de autenticidade fluida e proporcionais aos estados maturacionais da pessoa. Ao passo que ocorre, a partir daí, uma reorganização do status subjetivo que deve refletir nos relacionamentos intra e interpessoais da pessoa.

Wallon (2007) garante que a pessoa pertence ao meio em que circula para, somente depois, pertencer a si mesma, desta forma, as relações que se dão na interação meio-pessoa facilitam modificações importantes, tanto no universo interno da pessoa, quanto nas disposições externas em que esta circula. Neste caso, as movimentações da fábula, trazem o meio representado pelos pais e pelo lobo, e as personagens principais, os três porquinhos, a pessoa, assim, a partir de resoluções acertadas dos pais, ao lançarem os porquinhos no meio social, os mesmos encontraram as vicissitudes próprias dos meios externos, porém, souberam reconhecer e utilizar o oxigênio interno para contornarem as adversidades, safando-se do lobo que os queria comer.

A fábula noticia que ao saírem da casa paterna resguardados por algum dinheiro e bons conselhos, os três porquinhos dirigiram-se para a floresta, local onde construíram suas casas. Não se tem detalhes de diálogos entre os porquinhos que evidenciem se eles, porventura discutiram sobre os seus planejamentos de vida, se a guarnição financeira que receberam foi em partes iguais, ou se, por hierarquia familiar própria dos suínos, o mais velho teria direito a uma cifra maior, chegando ao mais jovem uma parte correspondente com os seus anos de vida. Se assim o fosse, claramente o mais velho teria mais condições monetárias para construir uma casa mais alicerçada e, portanto, que exigiria mais robustez financeira. Estas e outras informações relevantes aqui não podem ser destrinchadas e acasaladas com a teoria, mas estão sendo lançadas afim de evidenciar as peças ausentes do episódio. Porém, se os três porquinhos receberam exatamente o mesmo incentivo financeiro dos seus pais, e os dois porquinhos que construíram as casas de palha e madeira, respectivamente, tivessem escolhido construir as suas casas no molde econômico para sobrar mais dinheiro, ou tempo para se divertirem, ainda assim, Rogers (1977) vai

afirmar que “escolhas errôneas podem ser feitas” (p. 134), e que a partir delas a pessoa toma consciência dos seus resultados indesejáveis e acelera o processo de modificação de rota e ocorre “uma correção mais rápida de escolhas que estão erradas” (p. 134), pois as preferências inadequadas também podem indicar aprendizagens com simbolismos profundos no rol das experiências. E a partir destes inputs vivenciais a pessoa tende a se perceber, não como um produto, mas como um processo vivo, ou dito de outro modo “significa que uma pessoa é um processo fluído, não uma entidade fixa e estática” (p. 138). Rogers (1997) esclarece que “...quando alguém compreende o que sinto e como sou, sem querer me analisar e ou julgar, então, nesse clima posso desabrochar e crescer (p. 73).

Quando essa capacidade única de ser consciente que o homem possui funciona dessa forma livre e integral, vemos que temos diante de nós, não um animal que devemos temer, não uma besta que devemos controlar, mas um organismo capaz de alcançar, graças à notável capacidade integrativa do seu sistema nervoso central, um comportamento equilibrado, realista, valorizando-se a si mesmo e valorizando o outro, comportamento que é resultante de todos esses elementos da consciência (Rogers, 1977, p. 119)

Segundo Rogers (1997) o processo de atualização está intimamente atrelado à condição de aceitar aspectos característicos negados pela pessoa, para que possa ser introduzida a versão editada/repaginada da sua vivência, é necessário que sejam assumidos com satisfação os aspectos negados, pois, os elementos da engenharia interna somente fazem sentido funcional, se juntos e harmonicamente interligados, conclui. Maslow (1970) complementa a ideia exposta acima, realçando que a pessoa autorrealizada adentra com mais fluidez no seu espaço interno, conectando-se à sua realidade sem artificialismos ou elementos ensaiados ou estudados; natural, sincera, verdadeira.

Rogers (1997) deixa claro que, por exemplo, quando os dois porquinhos têm suas casas destruídas e recorrem à casa de alvenaria, este fato não delimita o problema existencial dos irmãos, ao contrário, contorna uma fase do problema, ou dito de outra forma, trata-se do reflexo de uma função prejudicada que está sendo arrastada ao longo do processo vivencial deles, não mais do que “uma vida subjetiva da pessoa em movimento” (p. 177). O autor ainda menciona a

oportunidade de conhecer as inclinações do outro através da atitude que emite quando escolhe ou exclui algo “o que é que o ser humano parece procurar quando tem a liberdade de escolher” (p. 186).

O que fica claro no discorrer da fábula é que os três porquinhos aparentemente mantinham uma relação fraternal amistosa, amena e livre, pois quando a casa de palha foi arremessada ao chão pelo assopro do lobo, ou interferência do meio, o porquinho não hesita e corre para buscar amparo na casa de madeira do porquinho do meio, e este o acolhe, sem oscilar, e por último, quando o meio/lobo afeta também a segunda casa, os dois irmãos menores se dirigem para a casa de alvenaria que o primogênito havia construído, e este os recebe de bom grado e, finalmente derrotam, juntos, a adversidade, Montagu (1950) aponta a cooperação, como uma força primordial sustentadora da vida humana, superando até mesmo o movimento da luta. Rogers (1977) contribui com a discussão acima afirmando que os núcleos psicológicos basilares da pessoa são organizados visando garantir uma homeostase global a partir de uma plataforma alicerçada em um organismo complexo e autodefensivo, cuja manifestação performática superficial entrelaça-se às emoções profundas emitidas pela pessoa, e quanto mais genuínos esses fenômenos se apresentarem, mais submergirá a natureza fundamental da pessoa. O autor afirma que as demonstrações de hostilidade emitidas pela pessoa não são nem de longe a parte mais reentrante da cadeia de possibilidades humanas, e que a inclinação da pessoa sempre partirá do princípio da preservação vital.

Como desfecho, a fábula mostra um lobo machucado e assustado, que no início do episódio era tido como perigoso. Será que de tanto assoprar as casas anteriores, o lobo pode ter enfraquecido a sua funcionalidade pulmonar? E sendo assim, a construção das três casas pode ter sido uma estratégia perspicaz e matreira dos três porquinhos visando debilitar o tão temível lobo? “satisfação tranquila de ser quem se é” (Rogers, 1997, p. 100).

As partículas do poema de Régio (1955, pp. 108-110) encaracolam na fábula dos três porquinhos e encostam nas vivências das personagens desnudando os labirintos psicológicos existentes nas escolhas encharcadas de liberdade

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...

- Desfecho

A fábula dos três porquinhos tem a função de promover, principalmente às crianças pequenas, conceitos e simbolizações de condutas vivenciais pautadas na ética e na moralidade social. Os autores e os interlocutores desta modalidade de literatura desnudam as vertentes do bem e do mal e materializam, em finais trágicos e ameaçadores, ações negativas condenadas socialmente e passíveis de cruéis e solitários desfechos. A mensagem que se pretende atingir junto aos ouvintes é a de que não há negociação e/ou segunda oportunidade àqueles que escolheram ou se comportaram mal, ou os dois, no decorrer da fábula.

Ao que Rogers (1997) afirma que, em função das atividades atualizadoras da pessoa, os percalços aos quais estão conectadas as possibilidades vivenciais encontram-se vivos e se movimentam de acordo com os favoritismos da pessoa, este autor esclarece que as escolhas não são estáticas, podendo a pessoa que escolheu, escolher quantas vezes entender serem necessárias. Realça ainda que as experiências podem, tanto estar próximas, quanto distantes, mas que ainda assim, elencam os degraus dos desdobramentos e avanços existenciais da pessoa.

Rogers (1997) enfatiza, por fim, que as atividades que trazem consigo os antídotos do funcionamento ótimo, são justamente aquelas em que acontecem dentro de um processo vivencial circunscrito na liberdade, assim, quando a pessoa não está fazendo escolhas que correspondam com a sua realidade interna é possível que as disfunções ocorram, encaminhando para processos de adoecimentos mais ou menos profundos, o que este autor descreve como “ouvir a si mesmo para verificar a formulações cognitivas segundo uma referência direta à experiência” (p. 162), ou seja, a pessoa elabora a tomada de consciência completa, e isto inclui a percepção de universos, não paralelos, mas convergentes entre as realidades objetiva e subjetiva da pessoa.

- Referências:

Carrenho, E., Tassinari, M., Pinto, M. A. da S. (2010). *Praticando a abordagem centrada na pessoa: Dúvidas e perguntas mais frequentes*. São Paulo: Carrenho Editorial.

Coelho, N. N. (1987). *O conto de fadas*. São Paulo: Editora Ática

Conteúdo aberto os três porquinhos (2011). In: Wikipédia a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Tr%C3%AAss_Porquinhos
Acesso em: 07 fev 2021.

Contos de Andersen, Grimm e Perrault, (2005). São Paulo: Girassol.

Contos clássicos. (2002). *Os três porquinhos*. Erechim: Edelbra.

Fonseca, A. H. L. (1985). Transindividualidade, pessoa e psicologia. *Rev. Fac. Franc*, vol. 3, n. 2, Psicologia III, pp. 33-48.

Gobbi, S. L. (2005). *Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Vetor.

Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality*. New York: Harper and Bros.

Montagu, A. (1950). *On being human*. Nova York: Henry Schuman.

Prado, P. D. (2012). *Os três porquinhos e as temporalidades da infância*. *Cadernos CEDES*, 32(86), 81-96. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000100006>

Régio, J. (1955). *Poemas de deus e do diabo*. Lisboa: Portugal. pp. 108-110.

Rodrigues, C. A. (2009). *Leitura e releitura dos contos de fada*. Versão Online ISBN 978-85-8015-053-7 *Cadernos PDE O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE 2009 Produção Didático-Pedagógica* Superintendência da Educação Diretoria de Políticas e Programas Educacionais Programa de Desenvolvimento Educacional.

Rogers, C. R. (1978). *Sobre o poder pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. R. (1983). *Um jeito de ser*. São Paulo: E.P.U.

Rogers, C. R. (1997). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. R., Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas*, Belo Horizonte: Interlivros.

Rogers, C. & Kinget, G. (1979). *Psicoterapia e relações humanas*. Belo Horizonte: Interlivros

Scieszka, J. (1993). *A verdadeira história dos três porquinhos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letrinhas.

Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(4), 537-544. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400011>

Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.

Sobre a autora:

* Psicoterapeuta da Abordagem Centrada na Pessoa - ACP, doutoranda em psicologia, empatiaduarte@gmail.com